



### Cruzadas

**HORIZONTAIS** — 1 — Cacicão curto — 2 — Folha de ferro estanhada — 3 — João de minérios — 4 — Relevo de chapéu — Equivalência de sem a do artigo — Nome tríplice das gêmeas — 4 — Pedra de moer — Sufixo do século do Rio Grande do Norte — 5 — Império — Marcado com manchas de asfalto — 6 — Espirite profundo — 7 — Sota de boião — Mod' d'opéra — 8 — Nota musical — 9 — Substrato inalterável do peixe — 10 — Manuscritos (abrev.) — Para eles — Pargão mais ou menos extensa de um oceano — 10 — Enim — Estado que dorme com o seu nome.

**VERTICAIS** — 1 — Sacerdote budista — Dignidade que surge por acesso — 2 — Cabotagem — 3 — Fruto-do-conde — Idade — Assim mesmo, como este — escrito no original — Sociedade Anônima — Nome de uma das drogas medicinais — 4 — Desapido — Vanto broado — 6 — Rível — Coral (fig.) — 7 — Faldão — 8 — Ovarário — 9 — Símbolo da emergência — Dado que — 9 — Solheirino (fig.) — Discurso laudatório — Forma apocópica de motor — 10 — Naturo — O habitante de Entre Rios — 11 — Dit-se de uma região turística do Norte do Japão — Terreno em frente a um ou mais lados de uma granja.

**SOLUÇÃO DE ONTEM**

**HORIZONTAIS** — 1 — Caramelo — 2 — Ilva — 3 — Ilva — 4 — Ilva — 5 — Ilva — 6 — Ilva — 7 — Ilva — 8 — Ilva — 9 — Ilva — 10 — Ilva — 11 — Ilva.

**VERTICAIS** — 1 — Ilva — 2 — Ilva — 3 — Ilva — 4 — Ilva — 5 — Ilva — 6 — Ilva — 7 — Ilva — 8 — Ilva — 9 — Ilva — 10 — Ilva — 11 — Ilva.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

### Panorama

**T. MONTEIRO**  
**"CHIAS" DO SIQUEIRA** — Esse negócio de lidar com aplicações e prêmios de seguro não é fácil. Pelo menos, não é fácil nos Estados, onde acontecem coisas bem mais caras. Como esta. Quando estava sendo de férias com a esposa, Doris McKay frustrou uma perna no platô de uma estação de metrô de São Paulo de ferro de Cleveland. Vou daí, uma combinação de saques vai ter que lhe pagar uma indenização de 2.500 dólares pelo acidente e outra de 1.000 dólares ao marido, pela perda do amor da esposa durante a internação no hospital".  
 E, que, agora curada, Doris McKay pediu divórcio dele para se casar com o médico que a tratou, pois apaixonou-se por ele com licença. É correspondido.

**PROVA POR ESCRITO** — Há alguns meses, em Niterói, URSS, o jornal interno de uma empresa publicou a seguinte nota:  
 "Rogou-se ao leitor que se apresente ao cargo de colômbio de engenheiro Vassili Nicolovitch que mandou uma confirmação de trabalho, por escrito, ao interessado. A formalização recusa-se a fornecer o outro rúbrico de colômbio sem ter prova material de que a que se encontram sob seus cuidados foi roubada".

**PERÍODO PELA VIDA** — É já que o tema é "Tadinho", tem o seguinte acontecido na Catalunha, Espanha.  
 José Riquelme, botânico de carreira e outros laços, havia roubado o bolso de uma senhora e estava correndo. A senhora riu e não teve dúvida: sou eu mesma.

**CONDIÇÃO** — T. Monteiro — "Panorama" — R. L. de Souza — Alameda Barão de Limeira, 423 — A. S. e-mail — CEP 01393 — São Paulo, SP.

**CONCURSO DE CÔNICAS** — FÉLIX CAVALHO DE CASTRO — 5.º ENCONTRO DE ESC.

**CAMPENATO EM ARAÇUAÍ** — Esta foto foi mandada por Mário Nunes, que diz: "Esta é a foto do esquadrão do jornal 'O Cordeiro', campeão do 5.º Torneio do Madrugado. Araçuaí é a 'Cidade Sorriso e Surpresa', pois tudo aqui é diferente. O campeonato começa às 5 de madrugada de A a 6. de fevereiro: cada craque vai mil cruzadas para jogar; não tem reserva (ninguém quer ficar no banco de madrugado) e quem se atreve paga mil cruzadas de multa que se destina à compra de frutas para os pobres. Vamos iniciar o torneio e estamos recebendo inscrições. Quem quiser participar, contorne-se com Mário Nunes, R. Rodolfo Peirão, 219 — fone 241 0377, Araçuaí, MG."

**TORES EM MIRASSOL** — Em promoção da Sociedade Cultural Mirassolense, com a colaboração do Prefeitura e Câmara Municipal, Rotary Club, Delegação do União Brasileira das Escritoras".  
 Teria sido muito bem divulgado, principalmente, o concurso de crônicas, aberto apenas a algumas cidades do 2.º Grupo: quanto levam mais coisas boas para mostrar! Mas o convite-comunicado não me chegou de mãos em tempo para poder divulgar um comunicado, preciso saber dele até a terça-feira que antecede o acontecimento.



Escultura em bronze de Bruno Giorgi. — Um dos retratos de Flávio de Carvalho.

## Os melhores momentos do figurativismo brasileiro

IVO ZANNI

É das mais estimulantes a exposição "Do Modernismo à Bienal", aberta há uma semana pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo, evocativa do 60.º aniversário da Semana de Arte de 22.

Trata-se de uma seleção de alguns dos mais expressivos artistas brasileiros desde o início do século até a década de 50. As quase duzentas obras que dominam todo o espaço do MAM, no Parque Ibirapuera, antes de servir de anteparos saudosistas, funcionam como peças documentais, de um tempo que, mais adiante, transfiguraria muito a concepção da arte moderna.

O que encontramos na ampla mostra atesta o vigoroso trabalho de numerosos artistas, desde os que permaneceram fiéis à temática figurativa — Pincetti, Fortinari, Segall, Figueira, Brecheret, Tarsila, Anita Malfatti, Mário Zanni, Rebelo e tantos outros — até os que seguiram as mais diversas tendências contemporâneas, casos, por exemplo, de Maria Leontina, Charoux, Voipi, Waldemar da Costa, Gerardo de Barros, Guersoni e Sacilotto, além de artistas como Bandeira e Yolanda Mohalyi.

Em quase todos surpreendemos a qualidade da composição figurativa, de alto nível de realização, e o domínio técnico de ateliê. Nos seus retratos, paisagens, cenas domésticas, ritos, naturezas mortas, barcos e marinhas, eram tão pragmáticas suas colocações que nossos olhos custam a crer, momentaneamente, na transformação radical que se operará anos mais tarde.

Como todos os eventos ambiciosos envolvendo amplas áreas representativas, também este peça por algumas omissões. Indútil a elação de nomes — seria uma lista razoável —, porque sabe-se dos sérios obstáculos para conseguir reunir a unanimidade dos valores que legitimaram a Semana de 22 e os que a seguir trilharam o modernismo O trabalho de organização da mostra por Liza Leal Ferreira, assessora por Ruth Spurr Tarasantchi, nem por isso pode deixar de ser consi-

derado de fôlego. Porque "Do Modernismo à Bienal" possibilita ao público conhecer até o "Abaporu" de Tarsila de Amaral, aspecto de simbolismo da criatividade da arte brasileira deste século. Mas, além dessa obra, o espectador por certo vibrará com uma pintura cultista de Anita Malfatti, ou os retratos de Mohalyi e de Antônio Bandeira, a quase projeção cônica de Santa Rosa ("Estrela da Manhã"), os incriveis bambus "faúves" de Guignard e a cronâmica incontrolável de Flávio de Carvalho com a "Figura de Mulher Deltada", o auto-retrato de contações vinculadas à silhueta, de Mick Carneilli, "A Negra", de Voipi, ou o paisagismo puro de Sacilotto e Charoux.

Na área propriamente gráfica, alcançam momentos de grandes virtudes uma gravura em metal de Segall — "Mário de Andrade na Rede", datada de 1928, o nupquim "Mulher e Criança", de Grassmann, a xilografia de Lívio Abramo, "Mênias de Fábriça", e até a apocósidade de Anita Malfatti — "O Grupo dos Clíco" —, desenho a lápis de cor realizado pela pioneira da arte moderna brasileira, em 1922. São apenas alguns exemplos das excelentes obras agora expostas no MAM.

O setor mais defasado é o da escultura. São unicamente quatro artistas presentes com apenas 7 trabalhos, todos em bronze: Bruno Giorgi, Brecheret, De Fiori e Joaquim Figueira (os três últimos já falecidos comprovam sua capacidade criativa com figuras estruturadas sem vínculo com o acadêmico). Especialmente "Estudo Parcial do Monumento às Bandeiras" e "Torso", de Brecheret, e "Maternidade", de Giorgi, mostram artistas muito sensíveis com domínio admirável do bronze.

Se os 60 anos da Semana de Arte de 1922 decorridos em fevereiro de 1982 foram de maior repercussão — em verdade, houve restritas manifestações oficiais, sobressaindo-se muito mais a iniciativa particular —, a presente mostra no Museu de Arte Moderna de São Paulo funciona como uma reabilitação à falha programação sobre o evento. Dalí recomendamos, com entusiasmo, "Do Modernismo à Bienal", que oferece uma visão panorâmica de alguns dos melhores momentos do figurativismo brasileiro. Além disso, pode ser apontada como a exposição mais destacada do ano, até aqui.

## Imaginário amazônico revisto

MIGUEL DE ALMEIDA

A Amazônia é um quadro, quase uma pintura, mais do que uma estrutura. Seus misticismos, o imaginário, as lendas, tudo herança dos indígenas. Há a variedade temática, a força histórica — inexistente, porém, com resultado concreto nas artes plásticas. Na maioria das vezes ocorre transposição para e inocência da paisagem, misto de fotografia e cópia: nada de brilante.

Maria Amadora Zuazo, num trabalho calmo e bem-arquitetado, vem revendo criticamente esse imaginário amazônico. Parte dos fatos estilísticos, ou dos costumes populares, para uma revisão da mitologia regional. Em gravuras, desenhos, Zuazo vai compondo o dia-a-dia dos pescadores do Amazonas, dos migrantes ribeirinhos, dos sonhos de dor, preferindo fragrar a cotidianeidade, não se prende ao real, porém. E mais uma viagem pelos mitos, lendas, nos símbolos, tomando o homem como produtor de linguagens. Ou seja: a imaginação distante do signo ou do sistema, na expressão poética.

O trabalho de Zuazo prefere se utilizar numa visão poética do ser humano. Jamais lança mão do humor ou do deboche, preferindo fragrar a cotidianeidade, não se prende ao real, porém. E mais uma viagem pelos mitos, lendas, nos símbolos, tomando o homem como produtor de linguagens. Ou seja: a imaginação distante do signo ou do sistema, na expressão poética.

O trabalho de Zuazo prefere se utilizar numa visão poética do ser humano. Jamais lança mão do humor ou do deboche, preferindo fragrar a cotidianeidade, não se prende ao real, porém. E mais uma viagem pelos mitos, lendas, nos símbolos, tomando o homem como produtor de linguagens. Ou seja: a imaginação distante do signo ou do sistema, na expressão poética.

A posição de Zuazo desmistifica a visão folclórica e oficial normalmente aplicada ao Amazonas. Os signos — a mata verde, a riqueza da fauna e flora — surgem como vitimas, nunca como exaltadas. O que é um habitualmente elogio passa a ser crítica: quando o pintor retrata a paisagem, preferindo fragrar a cotidianeidade, não se prende ao real, porém. E mais uma viagem pelos mitos, lendas, nos símbolos, tomando o homem como produtor de linguagens. Ou seja: a imaginação distante do signo ou do sistema, na expressão poética.

As cores, particularmente as escuras,



Desenhos críticos de Maria A. Zuazo apresentados em Manaus.

quando não apenas pretas, negam o simbolismo imediato associado ao quadro amazônico. Zuazo deixa de representar aquele colorido com vida, o verde das matas, o disco de Newton que são os pássaros nas árvores. Sua pintura radicaliza o contexto: nada de verde, de azul, nada de combinações. A floresta acaba representada como um objeto escuro, perigoso. Quase o mesmo signo utilizado por Raul Bopp em "Cobra Norato": a violência da natureza, das águas avançando sobre as cidades, tomando as casas, destruindo as plantações — desolação e medo.

O homem acaba como objeto, refém, na flora da natureza. E, como seu algoz, num outro extremo. A fauna e a flora deixam de ser designadas apenas por adjetivos bonitos, exaltados, passam a ser criticadas e a dar de ser a cubaldrá que chega no porto de Manaus — assume uma posição coletiva: via, pelos sonhos, não pela representação.

As cores, particularmente as escuras, impressão estilizada, Zuazo mergulha sua pintura, solta a imaginação dentro dos sonhos.

Aqui um parêntese: os quadros de Zuazo jamais serviriam como belos painéis, ao contrário do que acontece com boa parte da pintura amazônica. O pintor Moacir Andrade, espécie de símbolo na cidade, prefere representar o colorido sugerido pelos paisagens, trafeja na exaltação, sobre trabalhos jamais trazem uma crítica a essa linguagem disseminada pelo sistema. Triste: são painéis decorativos, ornamentos de salas, a riqueza pela riqueza, para contemplação, ou nenhum mergulho na outra margem. E muito mais uma pintura que serve à imagem folclórica vendida pelas agências de turismo: jacarés, vitória-régia, igapós (torrados de peixe), em tipo de linguagem rejeitada por Raul Bopp ainda na década de 20.

Zuazo está interessado em descobrir o imaginário primitivo, não em escondê-lo. Finta pelas histórias, pelas sensações.